

# ilustrada repetida ilustrada

## Ulisses, 02.02.2022

Com densa caracterização de personagens e desabusados jogos de linguagem, livro centenário de James Joyce revolucionou o romance moderno C4 a C7

- ⇒ Crises abrem espaço para renovação em São Paulo, diz Raquel Rolnik C8
- ⇒ Bolsonaro depende de língua de inversões, escreve Bernardo Carvalho C7
- ⇒ Psicanalista interroga aspectos do ofício e da cultura contemporânea C11

ilustrada ilustríssima

# As revoluções de 'Ulisses'

**[RESUMO]** 'Ulisses', cujo lançamento completa cem anos na quarta-feira (2), revolucionou o romance moderno com sua densa caracterização de personagens e o emprego desabusado de jogos de linguagem e do fluxo de consciência, tipo específico de monólogo interior. James Joyce foi um artista heroico, escreve autor, e criou uma linguagem universal sobre o desespero da condição humana

Por **Carlos Adriano**

Cineasta e doutor pela USP, realizou pós-doutorado em comunicação e semiótica pela PUC-SP e dirigiu 'O que Há em Ti' (2020) e 'Santos Dumont Pré-cineasta?' (2019), entre outros filmes

Ilustração **Sérgio Medeiros**

Poeta e artista visual

São tantas as revoluções de "Ulisses" no romance moderno que o bêbado Stephen Dedalus ficaria tonto (estufado radar tanta) só de virar algumas páginas e ser tragado em tantas reviravoltas, sem precisar entornar um trago sequer, dos muitos que tomou ao longo da história — tal qual o bebedor do seu autor, James Joyce, ao soçobrar (segundo ele) sete anos no livro "como um galé".

Como a Terra não é plana, os personagens de "Ulisses" não são chatos. São hilários e tão complexos quanto os heróis de Homero. O épico do escritor irlandês é (des)construído em disparatado paralelo à "Odisseia" do poeta grego do século 8º ou 9º a.C. Joyce não se fez de rogado ao demarcar sua experiência ambiciosa (ponto-chave do modernismo ou pivô pós-moderno?) a partir da matriz literária ocidental.

No guisado regado com cerveja, os protagonistas são Stephen Dedalus (labiríntico herói do primeiro romance de Joyce, "Retrato do Artista quando Jovem", 1916), Leopold Bloom e a esposa Molly Bloom (sustopostas contrapartes conversíveis de Telêmaco), Ulisses (nome latino de Odisseu) e Penélope, flagradas vagamente no regresso de Odisseu ao lar após a Guerra de Troia. Mas os fantasmas que mais assombram "Ulisses" talvez sejam os de "Hamlet", tipificando a reciclagem da influência de Shakespeare.

A ação de "Ulisses" (sim: celebração por jorros de consciência, o romance tem uma porção de acontecimentos patéticos e peripatéticos) se passa em Dublin em 16 de junho de 1904. Um dia na vida de gente comum chei(o)a de lugares incômodos. Começa às oito da manhã, na Martello Tower, e segue os periplos atarantados do colportor Leopold e do professor Stephen (o encontro deles é o glorioso nó gordão gregário do livro), enquanto Molly permanece na cama.

Entre inúmeras peregrinações a pubs e intrincadas discussões alheias às certezas clássicas, Bloom e Dedalus batem ponto no correio, na agência de um jornal, na praia e na biblioteca nacional, antes da noturna conversa fiada final na desativada torre de defesa do Martello, arrendada por Buck Mulligan, espelho de Dedalus. A espera da traição da mulher e com chifres à flor da testa, Bloom protela a volta ao lar, em odisseia de ciúme contrito.

**C**om densa caracterização de personagens e desabusados jogos de linguagem (de alto e baixo câlão), o romance é famoso pela variação do monólogo interior chamada de "stream of consciousness", ou, dito joycianamente, "fiocorrente" da consciência. O motivo-chave veio de obra escrita no século 14 por Dan Michel de Northgate, "Ayenbite of Inwit", que Antônio Houaiss traduz como "remordida do imo-senso" e Augusto de Campos como "remorsura do ensimesmo".

O pioneiro do monólogo interior foi Edouard Dujardin, em "Les Lauriers Sont Coupés" (1887), dicção adotada por Gertrude Stein ("The Ma-

king of Americans", 1925) e Virginia Woolf ("Orlando", 1928). Com cerca de 40 mil palavras sem pontuação, o monólogo de Molly é a sensação de "Ulisses", com fecho de chispa libertária: "E seu coração disparando como louco e sim eu disse sim eu quero Sim" (tradução de Haroldo de Campos).

Possuída por uma força estranha à que tomava as pacientes de Charcot, as personagens de Linda Blair ("O Exorcista", 1973), William Friedkin e Isabelle Adjani ("Possessão", 1981, Andrzej Zulawski), a Penélope charmosa (ou Calpso faceira-feiteira) deu voz a Nora Barnacle, esposa de Joyce. Para Anthony Burgess, joyciano autor de "Laranja Mecânica" (1962), "essa imagem final é de Nora e não de Molly — Nora escrevia as cartas sem pontuação e é difícil distinguir entre um trecho de uma carta de Nora e um trecho do monólogo de Molly".

Se todo grande homem tem por trás uma grande mulher, Joyce teve duas: Nora e Sylvia Beach, dona da lendária livraria parisiense Shakespeare and Company e audaciosa editora que lançou "Ulisses" em livro, em 2 de fevereiro de 1922, dia dos 40 anos de Joyce. Sim, 16 de junho de 1904 é o dia de Bloom por que foi nessa data o primeiro encontro de Joyce e Nora.

Joyce amargou penúria como professor da escola Berlitz em Zurique e Trieste até que, a partir de 1915, Ezra Pound passou a lhe abrir portas e comportas do mundo intelectual e social, não sem antes lhe comprar um traje adequado. "Deveríamos nos aproximar do 'Ulisses' como o pregador batista alfabeto se aproxima do Antigo Testamento; com fé", escreveu William Faulkner, autor de "O Som e a Fúria" (1929), outro diapasão do monólogo interior. Para Harry Levin, com "Ulisses" Joyce escreveu "um romance para acabar com todos os romances".

Um século após a garantia de longevidade dessa revolução literária não ter expirado, o que dizer? Que gerou séqüitos de aficionados? O megalômano Joyce queria leitores que dedicassem a vida à sua interpretação: para ele, "Ulisses" deixaria os críticos ocupados por séculos.

Continua na pág. C5

**"Ulisses" reinventou na arte as duas mais importantes invenções da ciência no século 20: a psicanálise de Freud (1900) e a teoria da relatividade de Einstein (1905)**



ilustrada ilustríssima



**+**  
A TRAJETÓRIA  
DE JAMES JOYCE

**2.fev.1882**  
O escritor nasce em Dublin, na Irlanda

**16.jun.1904**  
Primeiro encontro de Joyce e sua futura esposa, Nora Barnacle, com quem se casou em 1931

**dez.1916**  
Seu primeiro romance, "Retrato do Artista quando Jovem", de teor autobiográfico, é publicado

**1918-1920**  
Publicação seriada de "Ulisses" nos EUA, na revista *The Little Review*; trechos considerados obscenos levam a obra a ser banida e seus exemplares, queimados

**1920**  
Depois de morar em Zurique, na Suíça, e Trieste, na Itália, Joyce se muda com a família para Paris, onde permanece até 1940

**2.fev.1922**  
"Ulisses", principal obra do escritor, é lançada na França pela Shakespeare and Company, de Sylvia Beach

**4.mai.1939**  
"Finnegans Wake", seu terceiro e último romance, é publicado

**13.jan.1941**  
Joyce morre em Zurique aos 58 anos, depois de uma cirurgia para tratar uma úlcera perfurada

Obra da série "A Visual Finnegans Wake on the Island of Bressil". Imagem recria uma página de "Ulisses", em que Joyce emprega várias vezes as iniciais de seu nome, JJ, em uma espécie de autorretrato verbal

Na imagem da capa do caderno, obra retrata o rosto de Joyce refletido nas águas do rio Liffey, na Irlanda

Divulgação

Continuação da pág. C4

Os joycianos não são sectários como os fanáticos bozomoristas; são devotos maníacos do bem, que cultuam a beleza do encantamento e o mistério do conhecimento, bebem cajuína (com ou sem gim) e se perguntam: "Existirmos, a que será que se destina?"

Eis uma assertiva temerária e pre-reptória: "Ulisses" reinventou na arte as duas mais importantes invenções da ciência no século 20: a psicanálise de Freud (1900) e a teoria da relatividade de Einstein (1905) — e anteviu ainda o princípio da incerteza de Heisenberg (1927).

Tá oquei, antes de Joyce publicar a versão serial de "Ulisses" na *Little Review* de 1918 a 1920, Picasso e Duchamp já enquadravam Freud e Einstein em fragmentações pictóricas do movimento ("As senhoritas de Avignon", 1907; "Nu Descendo uma Escada", 1912), unidade tripartida do espaço mental (ego, id, superego) e multiplicidade do tempo dimensional.

**A** originalidade e a proeza prodigiosas de "Ulisses" consistem na escritura de uma pós-prosa (além-prosódia) para descabaçar o lastro celibatário do romance (palinódia do duchampiano "Grande Vidro?"), com roteiro do Mallarmé de "Um Lance de Dados" e "Igitur", cenários de René Magritte e Kurt Schwitters, e trilha sonora da santíssima trindade da iconoclastia composta por Charles Ives, Edgard Varèse e Erik Satie. Heroico e irônico, atualizado e anacrônico? Pois é, poesia.

A intertextualidade e a paródia unem Joyce ao compatriota Jonathan Swift, ao "Tristram Shandy" (1759, Laurence Sterne), a Rabelais (arabescos do grotesco de "Gargântua e Pantagruel", 1564) e a Cervantes (cavaleiro da embriagada figura, Dedalus não foge de Dom Quixote). Se os caudalosos monólogos de "Ulisses" são contrafação da recusa de "Bartleby, o Escrivão" (1853, Herman Melville), o lúcido nonsense de Joyce ilumina o Samuel Beckett de "Molloy" (1951) e "A Última Fita de Krapp" (1958).

Joyce contou a Beckett sobre a noite do encontro com Marcel Proust em Paris, em 1922. Embora afinados na complexa composição da memória humana, eles não se entenderam: a conversa se resumiu a mútuos e sucessivos "nãos" (e negaram ter lido os respectivos livros). Em tempo: "sim" é a palavra recorrente na corrente monolítica da soprano Molly, cujo empresário Boylan ar(r)isca capitulá-la como Capitu, em equação booleana do adultério.

Uma das marcas de "Ulisses" é a invenção vocabular, a composição de neologismos e palavras-montagens, a construção por paronomias, palíndromos e malapropismos — e melopropismos. O primeiro livro do bráico erógeno da bricolagem de palavras é justamente de poemas, "Música de Câmara" (1907).

Outra marca é a do obsceno. Queimaram 500 exemplares em Nova York (1922) e outros 500 sumiram da alfândega britânica (1923). Banido por seu caráter líbrico, de perversiva conotação sexual, circulou em edições clandestinas. Dada a quase ilegibilidade do catatau, é de se supor que o escândalo foi pela tarefa rãvia do "hearsay" (ouvi dizer) com que terrivelmente evangélicos censuram sem ler. Sim, rola um papo reto sobre a Bíblia em "Ulisses". Não, "Ulisses" não tem mamadeira de piroca e ninguém vê Homero ou Shakespeare na goiabeira.

Escrito no exílio, esse hino à Irlanda é um mapa minucioso de Dublin, embora muitos detalhes (talvez deliberadamente) sejam errados ou questionáveis. A rota do romance pode ser reconstituída a pé quase no mesmo tempo circunscrito. Não tão jocosamente, Joyce proclamava que sua cidade natal poderia ser refeita das ruínas à imagem do livro.

Pela epopeia episódica e louvorosa aleatório, "Ulisses" seria um guia para "O Andar do Bêbado: Como o Acaso Determina Nossas Vidas" (2008, Leonard Mlodinow). O culto a "Ulisses" gerou o Bloomsday: a cada 16 de junho o mundo brinda em pubsofênio de Joyce. A viagem heroica de Homero é transformada em épica de tom menor, e a paisagem é passagem para indagações cósmicas (cômicas) e para o fluxo mental de ébrios brancalônicos a brandirem infetíveis trocadilhos (troça-ditos).

Doas obras incontornáveis para entendê-lo são "James Joyce's Ulysses: A Study" (1930, Stuart Gilbert;

anotado por Joyce) e "Ulysses Annotated" (1988, Don Gifford e Robert Seidman).

No Brasil, Oswald de Andrade chama-o de "grande marco antinormativo" em artigos de 1943-1944, e em 2 de fevereiro de 1947 Patrícia Galvão (Pagu) publica "James Joyce, Autor de 'Ulisses'", nota crítica e primeira tradução de um trecho para o português. A poesia concreta põe Joyce em manifestos de 1956 e no paideuma do Plano Piloto de 1958.

O Brasil acolheu a centelha joyciana em fortuna criativa, como se lê em "Grande Sertão: Veredas" (1956, Guimarães Rosa), "Catatau" (1975, Paulo Leminski) e "Galáxias" (1984, Haroldo de Campos), e se ouve em "Outras Palavras" (1981, Caetano Veloso). Augusto de Campos lembra que Sousândrade "antecipou Joyce na forjação de palavras-montagem".

Por conta de sua doença na vista, Joyce atirava-se ao chão em convulsões. O colega cego Jorge Luis Borges foi um de seus primeiros leitores, traduziu para o espanhol a última página do "Ulisses" e lhe dedicou um poema em 1968. Como um aleph borgiano, cada pormenor de "Ulisses" propaga-se em outros pontos do enredo. Um dos aforismas fora de série de Borges pode ser aplicado a Joyce: "Bernard Shaw dizia que um escritor tem tanto estilo quanto a sua convicção lhe permitir".

Embora infilmável, ou justamente por isso, "Ulisses" é livro dos mais cinematográficos, em fatura literal e no que projeta de futuro do cinema. Das transposições — "Ulisses" (1967, Joseph Strick), "Bloom" (2003, Sean Walsh) e "Ulisses" (1982, Werner Neukes) —, esta é a mais afeita a Joyce, dada a veia do cineasta-arqueólogo alemão. Um dos maiores cineastas de todos os tempos não só acalentou filmar "Ulisses" como adicionou Joyce às suas teorias.

Sergei Eisenstein escreveu em 1929 "O Princípio Cinematográfico e o Ideograma" e crava a raiz da palavra-montagem: "Ficou a cargo de Joyce desenvolver na literatura o hieróglifo japonês". Em "Realização" (1939), diz que, em "Ulisses", "a literatura adquire uma palpabilidade de quase fisiológica". Em "Dickens, Griffith e Nós" (1943), sentenciava que, "para encontrar a plenitude de seu sistema, a montagem teve de fazer 'viagens' através do 'monólogo interior' de Joyce", até descobrir, ornamento secreto com emendas do reator, o "pensamento sensorial".

"Sirva-se!" (1932) vale-se de epígrafe extraída de "Ulisses" ("aquele gesto seria uma linguagem universal, a primeira entelêquia") e confessa: "A mais brilhante realização da literatura [na apresentação do curso de pensamento] foram os imortais 'monólogos interiores' em 'Ulisses'". Ao conhecer o diretor russo em Paris, o quase cego Joyce desejou ver o discurso interior de "O Encouraçado Potemkin" (1925) e "Outubro" (1927).

**N**o fim de "Ulisses", Bloom é flagrado florescendo em flatulências, defecação explícita de idiosincrasias. Em "Vida Contra Morte", Norman O. Brown analisa a analogia de Swift — a descoberta de que "a amada paga" (a flor imperfeita machadianamente nascida do estrume) — e constata o espanto em "Ulisses": "a incongruência dual do ser humano, eu simbólico e corpo animal, a plenitude da ambição sublime e a condenação inexorável à deterioração. A ambivalência do judeu Bloom, paradigma de (a)Pá(t)ri(dar: "Nes, Yo" (Nim. São.)

O gênio é uma falha do sistema (Paul Klee) e uma neurose (Gustave Flaubert). Para André Gide, "a audácia mais bela é a do fim da vida" — "admiro a em Joyce, e em alguns raríssimos artistas cujo obra termina em falséia". Com extremo humor, "Ulisses" escancara a catástrofe de nossa condição em uma cantoria só. Para Faulkner, "todos fracassamos em realizar nosso sonho de perfeição", "de modo que estimo a nós todos com base em nosso esplêndido fracasso em realizar o impossível".

"Ulisses" é um romance sobre o herói moderno, e Joyce foi um artista heroico (categoria tão bem definida por Otto Rank). Com suas artes e manhas, criou uma linguagem universal para nosso amaro desamparo, eletreitando, em contrarrentes alter(n)adas, os condutores da experiência com amploso ampères. Seu "desesperanto" é uma desconstrução do esperado e uma afirmação cheia de graça do desespero da miséria humana. Com traço de troça, joça sem jaça. ←

ilustrada ilustríssima

# A amiga que James Joyce teve um dia

**[RESUMO]** Cartas enviadas a James Joyce por Sylvia Beach, americana dona de uma lendária livraria em Paris e responsável pela primeira edição de 'Ulisses', revelam o estilo de vida perdulário do escritor e seus constantes problemas financeiros. Além de ter sido sua secretária e confidente, editora cuidou do bem-estar da família de Joyce e lidou com inúmeros percalços editoriais do romance, como a censura por trechos obscenos

Por **Dircé Waltrick do Amarante**

Tradutora e professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Autora, entre outros livros, de "Para Ler Finnegans Wake de James Joyce" e "James Joyce e Seus Tradutores". Organizou e cotraduziu "Finnegans Rivolta", que será publicado pela Iluminuras

Ilustração **Sérgio Medeiros**

Poeta e artista visual

Em 29 de abril de 1927, a norte-americana Sylvia Beach (1887-1962), dona da famosa livraria parisiense Shakespeare and Company e responsável pela publicação do agora centenário romance "Ulisses", do escritor irlandês James Joyce, escreveu a seguinte carta a ele:

"Tenho refletido sobre a questão das suas finanças. Estava impossibilitada de pensar nelas claramente na sua presença por conta do feitiço lançado por seu gênio e da morosidade da minha aritmética.

Você disse que tinha apenas 9.000 francos por mês para viver e então eu lhe lembrei que Ulisses lhe renderá 125.000 desde o último agosto. Isso dá cerca de 12.000 francos por mês, não é, que somados aos 9.000 totalizam cerca de 21.000 francos por mês. Você não considerou os direitos autorais de Ulisses importantes o bastante para mencionar. Mas teria sido mais correto de sua parte confessar que vem gastando esse montante de dinheiro considerável do que contar um monte de histórias da carochinha para mim que sou sua amiga, se algum dia você teve uma. Você é o maior escritor vivo, mas até Pound tem mais juízo. Ir a um agiota. Os Brandleys não podem ter uma falsa noção de suas circunstâncias maior do que você mesmo tem. Mas o que isso importa?

Com os mais sinceros cumprimentos,

Atenciosamente,  
Sylvia Beach."

Dessa carta vem o título do livro, publicado no final de 2021 pela Brill/Routledge e organizado por Ruth Frehner e Ursula Zeller, "Your Friend If Ever You Had One: The Letters of Sylvia Beach to James Joyce" (sua amiga, se um dia você teve uma: as cartas de Sylvia Beach para James Joyce), ainda sem tradução para o português.

O volume traz as cartas da editora para o seu autor e um extenso aparato bibliográfico e crítico, entre textos e notas, de autoria das organizadoras, o qual lança luz não só sobre a relação entre eles, mas também sobre a relação entre Joyce e outros amigos que igualmente foram fundamentais para a sua carreira.

Entre esses amigos, cabe citar Adrienne Monnier (companheira de Beach), Paul Léon, Ezra Pound e Harriet Shaw Weaver, responsável pela publicação de "Um Retrato do Artista quando Jovem" e considerada a grande mecenas do escritor. Weaver deu a Joyce as condições financeiras de que ele precisava para seguir escrevendo. Muitas vezes, ela forjava direitos autorais de vendas de livro para lhe depositar quantias que garantissem o sustento da família dele.

A vida financeira de Joyce é tema de muitas cartas. O escritor era perdulário: viajava de primeira classe (enquanto Beach e Monnier iam na terceira classe), ficava em hotéis de

luxo, gastava em bons restaurantes, dava presentes caros aos amigos etc. Portanto, não foram raras as vezes que o romancista escrevia a Beach pedindo-lhe mais dinheiro.

Em uma das cartas, a editora o acalma, dizendo-lhe que ele não precisaria se estressar nas suas férias, pois a srta. Weaver, com quem ela estava sempre em contato, havia aparecido novamente com "47 mil francos! Que mulher extraordinária", mas Beach não fica atrás.

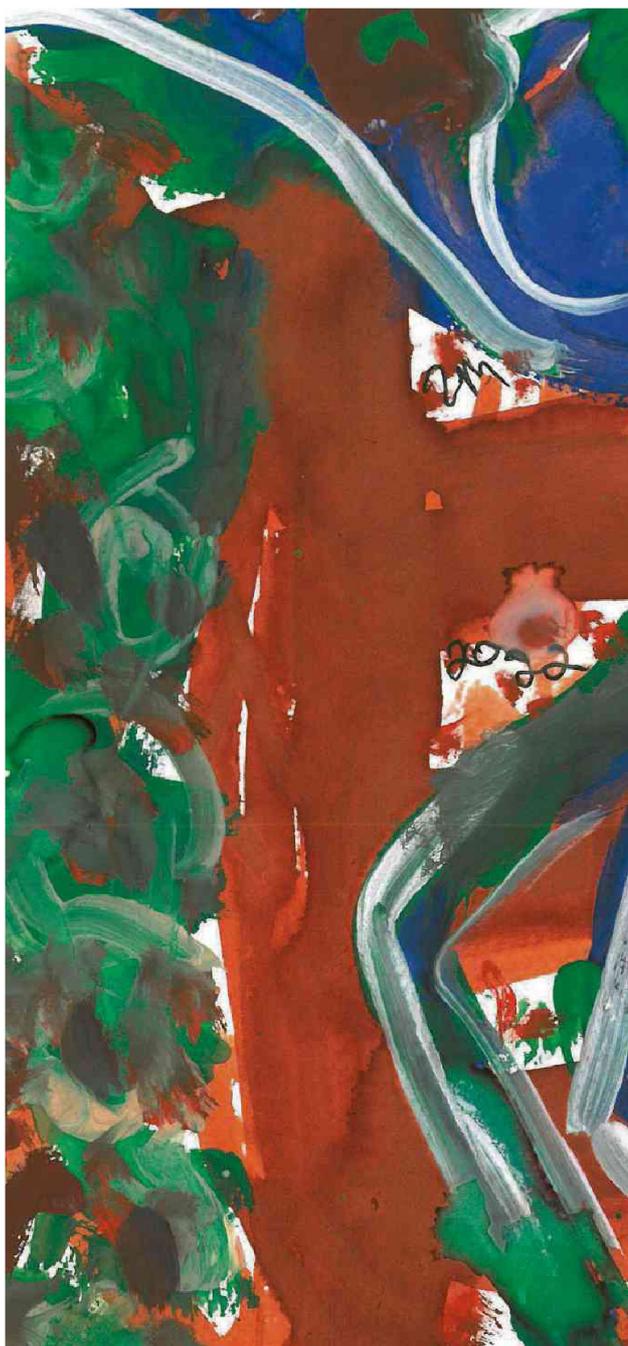
**J**oyce e sua futura editora se conheceram no verão de 1920 em uma festa. Na época, sua livraria, Shakespeare and Company, estava de portas abertas havia um ano e Beach já era conhecida entre os escritores locais e estrangeiros, muitos norte-americanos que haviam se mudado para Paris, tal como Gertrude Stein, Ernest Hemingway e Ezra Pound.

Foi em 1921, contudo, ao saber das dificuldades com a publicação de "Ulisses" que Beach resolveu lhe perguntar: "Você permitiria que a Shakespeare and Company tivesse a honra de publicar seu Ulisses?". Ela conta em suas memórias, "Shakespeare and Company: uma Livraria na Paris do Entre-guerras", publicado pela Casa da Palavra em tradução de Cristina Serra, que Joyce "aceitou a oferta sem titubear e em júbilo. Achei temerário de sua parte confiar seu grande Ulisses a uma editora tão pequena e inusitada. Ele parecia, entretanto, encantado, e eu também".

Desde sua publicação, em 2 de fevereiro de 1922 até maio de 1930, o romance chegou a sua 11ª edição com 28 mil cópias impressas. A partir daí, Beach não cuidou mais da venda do livro, mas seguiu ajudando Joyce, agora também com seu novo título, "Finnegans Wake".

Vale lembrar que, em 2 de fevereiro de 1922, Joyce completaria 40 anos de idade e Beach queria lhe dar de presente a publicação de "Ulisses". Ela conseguiu que Maurice Darantier, responsável pela impressão do livro, lhe enviasse dois exemplares: um ela entregou a Joyce, e o outro ela colocou na vitrine da sua livraria — logo muitos leitores e curiosos estavam lá para ver o tal livro que já causava um rebuliço na literatura. Joyce celebrou a chegada de "Ulisses" com um poeminha jocoso para a sua editora, que pode ser lido no livro "Shakespeare and Company". O poema ganha agora uma nova tradução, assinada por Vitor Alevaro do Amaral.

Alguns versos, na tradução dele, dizem: "A multidão vinha animada / E pré-comprava o tal Ulisses, / Mas embora ensimesmada, / A Sylvia cante toda a gente, / Pois o seu tino é inelmente / Com sua lábia, de repente, / Fez livro chato ter cliente, / Que a clientela só aumente". Esse e outros poemas do escritor irlandês serão publicados no livro "Outra Poesia" (Syrinx), organizado e traduzido por Amaral.



Obra da série 'Autorretratos de Enrique Flor'. O músico português de 'Ulisses' é retratado em contato com árvores e letras celtas, que têm nome e forma de árvores

Divulgação

**N**os dez anos em que Beach esteve à frente da publicação de "Ulisses", ela não foi apenas a editora de Joyce — foi também sua secretária, confidente, corretora, contadora, entre muitas outras funções que assumiu, como se pode verificar nas cartas que ela lhe enviou e que constam desse volume.

Em 26 de junho de 1923, Beach descreve detalhadamente a Joyce, que estava em Londres, o interior de um apartamento que ela encontrou, a pedido do escritor, em Paris, para a família dele: "primeiro andar acima do mezanino! Um apartamento soberbo, magnífico, 5.500 francos por ano. Sala de estar grande — sala de jantar — pequena sala de estar — cozinha na frente — quarto grande e dois outros quartos quase tão grandes nos fundos [...]. Lareiras amplas e janelas bem grandes. E pré-poderia usar um quarto grande nos fundos como um escritório".

Mas, em outra carta alguns dias depois, Beach conta que Giorgio, filho de Joyce, foi ver o apartamento e achou que talvez os pais não fossem gostar muito por "não ser muito moderno". Além disso, ele estava "se sentindo bastante enojado com

essa cidade justo agora depois das experiências desagradáveis dele no banco e ele diz que vocês todos podem muito bem mudar para a África se ele não encontrar um apartamento perfeito aqui".

Em uma correspondência de 16 de julho de 1924, Beach relata a Joyce uma discussão que teve com um dos tradutores de "Ulisses" para o francês, um jovem chamado Jacques Benoit-Méchin, que traduzia em colaboração com Léon-Paul Fargue.

Para ela, "seed cake" (bolo de sementes, literalmente), que aparece duas vezes no romance, deveria ser traduzido como "gâteau aux amants", mas Fargue, segundo Beach, não havia gostado da ideia. Prossegue: Adrienne acha que "bricche" tenha aver com isso se você concordar. Fargue fez uma ótima visita a um amigo cuja mulher é confeitadeira, mas ele não achou nada no repertório dela que correspondesse a um "seed cake".

As cartas revelam sempre o quanto importante Beach foi na vida dos Joyce, pois, afinal, acabou, como outros amigos do escritor, se preocupando também com o bem-estar de toda a sua família.

Não bastassem todas essas funções, Beach teve que lidar com as inúmeras "revisões" do livro feitas por Joyce.

Continua na pág. C7



Continuação da pág. C6

Na verdade, o escritor fazia mais que revisões, segundo seus estudiosos: "ele era um inventivo reescritor do mesmo material" e isso atravava o trabalho e implicava custos extras, pagos por Beach. Além disso, a editora ainda teve que enfrentar as constantes censuras sofridas pelo livro, as quais começaram antes mesmo da publicação integral da obra sob sua responsabilidade.

Beach estava consciente do problema que "Ulisses" criou para as editoras da revista Little Review nos Estados Unidos, Margaret Anderson e Jane Heap, que estavam publicando fragmentos do romance em sua revista. Ambas foram processadas e condenadas a pagamento de uma multa de 50 dólares cada por publicarem "obscenidades". Este foi só o começo de uma publicação e de uma distribuição confusas que, se não fossem em grande parte o apoio e a dedicação de Sylvia Beach, poderiam fracassar.

A história editorial tumultuada de "Ulisses" rendeu alguns livros. Talvez o mais conhecido seja "The Scandal of Ulysses" (o escândalo de Ulisses), de Bruce Arnold, também sem tradução para o português.

As correspondências entre Joyce e Beach foram trocadas durante as férias de verão dele ou dela. Por is-

so, não são muitas, mas são intensas.

Em suas memórias, Beach lembra que "a maioria das cartas que recebi de Joyce foi, claro, escrita durante as minhas férias de verão ou durante suas próprias viagens. Evidentemente, ele sempre exigiu respostas 'até amanhã', 'expressas', 'no retorno do correio'. Geralmente, estava precisando de dinheiro e, quando eu não estava, em geral conseguia algum por meio de Myrsine", funcionária da livraria.

**A**liás, Joyce não gostava muito quando Beach e Monnier se afastavam, e como ela lembra, "à medida que se aproximava o momento da nossa partida, ele ia mergulhando em um estado de pânico até que, no último minuto, saía-se com o que chamava de sua 'lista de compras' — em que arrolava tudo o que eu devia fazer antes de deixar a cidade". Beach não o decepcionava e só decidiu se afastar da publicação de "Ulisses" porque sua intermediação estava travando a negociação de Joyce com outras editoras. A partir daí, Paul León, um judeu russo "fascinado pelo processo criativo de Joyce", assumiu essa função.

Em "Your Friend If Ever You Had

one", há também cartas enviadas por Beach a Paul León. Nelas, a editora o coloca a par da história editorial de "Ulisses" e de outros livros com os quais estava trabalhando. Ela enviava-lhe também as cartas para Joyce que ainda eram endereçadas para a sua livraria.

Uma delas é uma carta de Yeats, que Beach encaminha a León, comentando que Joyce tinha razões em não aceitar o convite de Yeats para fazer parte da Academia Irlandesa de Letras, o qual ele recusou declarando: "Não vejo nenhuma razão por que o meu nome deveria ser trazido à tona em conexão com tal academia". Mas, para Beach, como diz na carta, "não iria fazer mal algum aceitar, e isso poderia ser o primeiro passo no sentido de se prender a Ulysses".

Beach acompanhava atenta a carreira de Joyce, e o escritor tinha consciência disso. Mesmo depois de romper com a editora, ele sabia que "tudo o que ela fez foi me dar de presente os melhores dez anos da sua vida".

As cartas que compõem o presente volume, juntamente com outros documentos, foram doadas à Fundação James Joyce de Zurique por Hans Jahnke, filho de Asta Osterwalder Joyce, segunda mulher de Giorgio Joyce, filho do escritor. <

## Bandidos e poetas

Bolsonarismo depende de língua de inversões desavergonhadas

**Bernardo Carvalho**

Romancista, autor de 'Nove Noites' e 'O Último Gozo do Mundo'

Quando, em dezembro, a primeira-dama comemorou, "falando em línguas", a aprovação do pastor André Mendonça para o STE, houve quem escarnecesse e se indignasse.

Houve quem a acusasse de veículo não exatamente do Espírito Santo, como prega o pentecostalismo, mas de oportunismo político. E houve quem a defendesse com argumentos religiosos ou até feministas.

Nesse meio-tempo, tropecei num livro publicado há alguns anos por um professor de literatura da Universidade de Princeton, Daniel Heller-Roazen, com outra perspectiva sobre o fenômeno: "Dark Tongues: The Art of Rogues and Riddlers" (línguas obscuras: a arte de velhacos e charadistas), da Zone Books. Ou, na edição francesa, da Seuil: "Langues Obscures: L'art des Voleurs et des Poètes" (línguas obscuras: a arte de bandidos e poetas).

Heller-Roazen defende que, ao longo da história, bandidos e poetas recorreram a artimanhas semelhantes para expressar o que não podiam dizer, ao mesmo tempo que guardavam para os iniciados o segredo do que diziam. Do jargão dos bandidos medievais à linguística moderna, passando pelos livros sagrados do hinduísmo e pelos mistérios druídicos, o professor tenta examinar o que por definição evita o exame para poder existir.

O que mais o interessa são as baladas de François Villon, expoente maldito da poesia francesa medieval, e a releitura que Tristan Tzara, fundador do movimento dadaísta, faz delas no início do século 20. São os poetas o foco do livro. São eles que exploram o potencial de perturbação e revelação de línguas desviantes no âmbito das línguas oficiais, nacionais, hegemônicas. A própria língua como estranhamento, transformação em língua estrangeira. Entre poetas e velhacos, porém, não é difícil adicionar por quem caem os Bolsonaro.

Ao escamotear o sentido, as "línguas obscuras" adquirem o poder de transmissão do segredo. São menos línguas secretas propriamente ditas do que usos cifrados, cripticos e até canhestros da língua comum, servindo de resistência para grupos que o poder mantém à margem.

É o caso dos bandidos medievais que se comunicavam por jargão para escapar à lei, mas também da congregação de indivíduos pobres, iletrados, escravizados, para os quais a comomoção e o êxtase do contato direto e pessoal com o Espírito Santo e as Escrituras são a medida da liber-

dade contra uma autoridade centralizada, elitista e racista que os exclui. A língua incompreensível aos demais é a "contralíngua" do excluído, resistência à sociedade que o marginaliza.

É interessante que Martinho Lutero, mentor da Reforma Protestante, tenha condenado com veemência as "línguas obscuras", associando ao idiche as palavras desconhecidas usadas por "mendigos estranhos e extravagantes", imputando a língua do crime e dos malfetores aos estrangeiros, mais precisamente aos judeus.

Também é interessante que nos Vedas, textos sagrados indianos, Deus diga não e o homem ouça sim. Ouve o que lhe convém e o que lhe interessa. Os deuses falam uma língua inacessível aos homens.

Isso quer dizer que, para entendê-la, seria preciso submeter-se ao paradoxo de sair de si, contradizer-se, virar-se do avesso, ultrapassar as oposições e as crenças, permitir-se uma experiência e um contato radical como o outro. Essa seria a real comunicação com Deus, em relação à qual o balbucio glossolítico soa muitas vezes como um esforço entremecedor e revelador da sua impossibilidade.

Aqui o religioso e o poeta se separam. A parábola védica aponta para o universo da poesia. O poeta depende da ambiguidade que desafia os sentidos na própria aparência, na limpidez dos versos, ao contrário do religioso que se serve do oculto tanto para resistir à opressão como para oprimir. O incompreensível é a moeda de troca para a criação de dogmas, normas e preceitos, contra a dúvida, que é matéria da arte. Assim como no jargão das gangues, deve haver incompreensão (de não iniciados, de quem não pertence ao grupo), mas não há lugar para a dúvida, não é possível duvidar.

É de uma língua assim que depende o bolsonarismo: "O Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", referindo-se inversamente à destruição de tudo, ao mais completo desmonte institucional do país. É o sim encobrindo o não. Uma língua de inversões desavergonhadas, feita para acobertar fatos e evidências, em nome de Deus, contra a experiência de todos.

É a língua que cabe a Michelle Bolsonaro balbuciar sozinho no centro do poder, véu canhestro, arremedo de protolíngua, como se possuísse por um espírito que, ao contrário da magnanimidade dos orixás, já não baixa para revelar nada ou contradizê-la, mas antes para esconder a indigência e a vergonha da revelação.